



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

MARIA THAIZZA RAFAELLY DA SILVA FERREIRA

A EVOLUÇÃO DO LIVRO: Do papiro ao iPad



NATAL/RN
2010

MARIA THAIZZA RAFAELLY DA SILVA FERREIRA

A EVOLUÇÃO DO LIVRO: Do papiro ao iPad

Monografia apresentada à disciplina Monografia, ministrada pela Prof^a.: Ma. Maria do socorro de Azevedo Borba, com fins avaliativos e como requisito parcial para a conclusão do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadia Aurora Vanti Vitullo.

NATAL/RN
2010

Catálogo na fonte.

F383e Ferreira, Maria Thaizza Rafaelly da Silva.
A evolução do livro: do papiro ao iPad / Maria Thaizza
Rafaelly da Silva Ferreira. – Natal, 2010.
40 f.

Orientadora: Nadia Aurora Vanti Vitullo.
Monografia (Graduação em Biblioteconomia). –
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

1. História do livro. 2. Livros eletrônicos. 3. EBook. 4.
Novas tecnologias. I. Título.

CDU: 002(091)

RN/UF/DEBIB

MARIA THAIZZA RAFAELLY DA SILVA FERREIRA

A EVOLUÇÃO DO LIVRO:
Do papiro ao iPad

MONOGRAFIA APROVADA EM ___/___/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Nadia Aurora Vanti Vitullo
(Orientadora)

Prof^a. Ma. Maria do Socorro de Azevedo Borba
(Prof^a da Disciplina)

Prof^a. Esp. Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo
(Membro)

*Dedico esta monografia
ao meu esposo Eli, pelo apoio
e carinho sempre presentes e
ao meu filho Mateus, por ser
a força que motiva minhas
realizações.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por ter me dado convicção de vitória e fé para superar todas as dificuldades que se apresentaram.

Agradeço imensamente ao meu esposo Eli, por ter me dado todo o suporte para que eu concluísse o curso, a minha mãe Luzinete e a minha sogra Graça, que tanto me ajudaram nesses quatro anos, ao meu sogro Martins, ao meu cunhado Elias e a Isaura, por também estarem sempre prontos a me ajudar.

As minhas amigas de turma, em especial aquelas que me apoiaram no momento da minha maternidade, a Ana Maria e a Gabriela, por estarmos sempre unidas para ajudarmos umas as outras, todas vocês estarão para sempre no meu coração.

A minha orientadora Nadia Vanti, e a todos os professores(as) que contribuíram para a minha formação, em especial as professoras do Departamento de Biblioteconomia, meus sinceros agradecimentos.

E a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me ajudaram a alcançar mais um degrau da escada da vida.

“Os livros são objetos transcendent...”

Caetano Veloso

RESUMO

Relata a evolução do livro e dos seus suportes desde as fases da escrita, passando pela descoberta da imprensa até o surgimento dos livros eletrônicos. Apresenta um resgate histórico das etapas que antecederam o livro impresso e dos diferentes tipos de suportes utilizados para a criação do mesmo, com enfoque no papel e na descoberta da imprensa de Gutenberg. Ressalta a importância da Era industrial para a disseminação da informação e da produção bibliográfica e a importância da tecnologia eletrônica como uma nova faceta para a produção dos livros impressos. Aponta o uso das novas tecnologias aplicadas aos processos de leitura especialmente no tocante à revolução ocorrida na indústria editorial depois do advento da Internet. Detalha o surgimento dos livros eletrônicos bem como os novos suportes aos quais os mesmos estão atrelados. Analisa os impactos sociais oriundos da popularização dos eBooks e as opiniões que divergem a respeito do fim do livro impresso e do futuro da história do livro.

Palavras-chave: História do Livro. Livros eletrônicos. EBook. Novas tecnologias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O SURGIMENTO DA ESCRITA	10
2.1 OS PRIMEIROS SUPORTES	11
2.2 O PAPEL	13
2.3 A IMPRENSA	15
2.3.1 A imprensa de Gutenberg	16
3 A EXPLOSÃO BIBLIOGRÁFICA	19
3.1 A ERA INDUSTRIAL	20
3.2 A ERA ELETRÔNICA	21
4 AS NOVAS TECNOLOGIAS	23
4.1 A INTERNET	24
4.2 EBOOK, O LIVRO SEM PAPEL	26
4.2.1 Os novos suportes	30
5 IMPRESSO OU ELETRÔNICO?	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O livro como suporte para a leitura tem evoluído em seus formatos para adequar-se a uma sociedade cada vez mais adepta de recursos tecnológicos, neste contexto busca-se um aprofundamento das implicações que esses avanços tecnológicos trarão à sociedade, partindo do entendimento das etapas que antecederam os livros eletrônicos. A pesquisa voltada para a evolução do livro e dos seus suportes busca responder a questões que tratem de como o uso das novas tecnologias aliadas aos processos de leitura influenciam no futuro do livro impresso, e como fatores como a globalização podem transformar a fabricação de um livro, trazendo a tona reflexões sobre o futuro do livro em papel e do eBook e de todo o contexto que abrange os livros eletrônicos.

Dado os paradigmas hoje existentes entre os livros impressos e os eletrônicos faz-se necessário compreender como aconteceu esse processo evolutivo, e como os dois tipos de suportes tem se destinado a preservar e expandir o conhecimento humano, o leva a um questionamento natural das vantagens e desvantagens de ambos os formatos através da análise da conjuntura que os envolve.

O instrumento utilizado para a realização deste trabalho foram pesquisas bibliográficas em livros, periódicos e sites sobre o referido tema, contando também com revisão de literatura sobre o assunto e resgate do conteúdo estudado na disciplina História do livro e das bibliotecas.

O levantamento da literatura que subsidiou a pesquisa foi determinado em dois níveis: nível geral do tema a ser tratado, através de relação de obras ou documentos sobre o assunto; e nível específico, com uma relação somente das obras ou documentos que continham dados referentes à especificidade do tema tratado.

A pesquisa encontra-se estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo corresponde à introdução, com enfoque na justificativa, problematizações e metodologia. No segundo capítulo, fez-se um breve resgate histórico da evolução da escrita, dos seus suportes e da imprensa. No capítulo seguinte, falou-se sobre a explosão da informação na Era industrial. No quarto capítulo, foram abordadas as novas tecnologias, a internet e as implicações da construção dos livros eletrônicos e de seus suportes.

Dando continuidade, traçou-se um panorama sobre os impactos e diferenças entre os dois tipos de suportes de leitura, o impresso e o eletrônico. Por fim, são apresentadas as considerações finais a respeito do tema.

É importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é discutir ou entrar no mérito dos livros digitalizados, que apenas passam pelo processo no qual uma imagem ou sinal analógico é transformado em código digital, através de um digitalizador de imagens (scanner), desde que esse processo não altera a construção tradicional do objeto livro, apenas o exhibe em formato digital, mas sim, analisar o impacto social dos livros criados, publicados e comercializados apenas em meio eletrônico.

2 O SURGIMENTO DA ESCRITA

A história do livro começa depois do surgimento da escrita, não existe uma data precisa que permita mapear como se deu a comunicação entre humanos, ainda assim os livros de história especulam que as primeiras formas de registros da história da humanidade tenham surgido por volta do período paleolítico superior, através dos vestígios de imagens gravados nas paredes das cavernas, herança de gerações antepassadas.

De maneira não intencional e sim natural essas escritas passaram por evoluções, características que permitiram denominar diferentes fases de desenvolvimento, a primeira delas é a chamada Escrita Pictográfica ou Figurativa, que também é conhecida como escrita embrionária, é o estágio mais rudimentar, onde traços de um desenho pode não possuir significado lógico, não representando assim um pensamento. Quando o traçado passa a sugerir uma idéia, surge a chamada Escrita Mnemônica, que por sua vez representa um pensamento completo, podendo ser representada não só por traços, mas também através de um objeto, no qual se represente a síntese de um pensamento, por isso esta escrita encontra-se em estágio sintético.

No momento em que o homem passa a representar um sinal como forma de representar um único objeto, usando vários sinais para formar um pensamento completo, é o grande avanço do estágio sintético para o analítico, pois estes símbolos são o que antecedem as palavras, e suas combinações poderiam ser consideradas frases, chamando-se Escrita Ideográfica. Nesta fase se destacam a Escrita Cuneiforme elaborada por volta de 4000 a.C, na antiga Mesopotâmia pelos sumérios, que desenvolveram placas de argila, onde cunhavam esta escrita, gravando registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época, e a Escrita Hieroglífica desenvolvida pelos egípcios antigos, quase na mesma época que os sumérios, formada por desenhos e símbolos. Esta é a escrita encontrada nas paredes internas das pirâmides, descrevendo a vida dos faraós, a Escrita Chinesa também se desenvolveu na fase ideográfica, porém sua origem é desconhecida, o que se

sabe é que com o passar do tempo sua estrutura não sofreu grandes alterações (ACIOLI, 1994).

Com o desenvolvimento dos sons surge a Escrita Fonética, onde um desenho torna-se correspondente a um som, é o aprimoramento final da escrita, podendo ser silábica, quando um símbolo representa a unidade da palavra, ou alfabética, quando os sons são divididos em letras, surgindo assim os alfabetos, é neste momento que o homem se torna capaz de escrever tudo o que ele quiser. Os principais alfabetos das escritas ocidentais foram o Fenício, o Grego e o Latino. Segundo Martins (2002, p.49) “Já se atribuiu a invenção do alfabeto à civilização egéia, de resto muito mal conhecida: seria então, dos egeus que tanto os gregos quanto os fenícios teriam recebido o alfabeto”.

É importante lembrar as Escritas de Transição, são assim chamadas àquelas que se encontram em mais de um estágio, um exemplo são os hieróglifos (ideogramas) egípcios que apresentam quatro classes de sinais: objetos, idéias, som silábico e letra (ACIOLI, 1994).

2.1 OS PRIMEIROS SUPORTES

Quando se fala de escrita, trata-se de um processo longo e evolutivo, ao mesmo passo que a escrita se aperfeiçoava seus suportes também mudavam, os três reinos da natureza ofereceram e continuam a oferecer suas contribuições.

Do reino mineral muitos materiais foram utilizados, os mais evidentes são: a pedra, o mármore, a argila, o bronze, o chumbo, o ouro e a prata. Ainda como instrumentos para a escrita utilizavam-se o cinzel de metal, o estilete, o grafite, pontas de flechas, facas rústicas, entre outros. Martins (2002, p. 59), aponta que “[...] todos os metais parecem ter sido abandonados desde os primeiros tempos nas necessidades ordinárias. Mas, conservam o seu

emprego até hoje nas placas dos monumentos e das ruas, nas inscrições comemorativas, nas homenagens murais.”

A madeira, oriunda do reino vegetal foi um dos primeiros e principais suportes da escrita, chamadas de tablitas de madeira, podiam ser enceradas e escritas com estiletos. Pertencentes a este mesmo reino pode-se citar ainda as folhas de palmeiras e oliveiras, panos e papiro. O cálamo, o lápis e o pincel foram os principais instrumentos para os materiais deste reino. Devido à importância histórica das inscrições feitas em papiros, esse material merece destaque na história da escrita.

O papiro é uma planta que nasce ao redor de rios, pertencente a flora egípcia, mas também produzida em outros países do oriente. As folhas de papiro eram utilizadas apenas de um lado, essas folhas eram emendadas umas as outras formando os chamados rolos. Com a grande procura do papiro, esse material tornou-se raro, caro e cada vez mais escasso, abrindo espaço para um novo tipo de suporte, o pergaminho.

O pergaminho foi o material retirado do reino animal, fabricado na Idade Média, sua matéria-prima era o couro de carneiro ou de cabrito, retirado com instrumentos cortantes, lavado, raspado e exposto ao sol para secar. O uso deste material surgiu de uma necessidade, como já foi dito, devido à escassez do papiro, porém seu custo era elevadíssimo. Assim como o papiro, possui valor histórico imprescindível, grande parte dos manuscritos medievais foram copiados neste suporte. Martins (2002, p. 68) esclarece o uso do pergaminho da seguinte forma:

O pergaminho foi escrito, como o papiro, de um lado só, até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo nas duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas no reto, o pergaminho era enrolado, como o papiro, para constituir o *volumen*. A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao *codex*, isto é, ao antepassado imediato do livro.

Neste sentido Rouveyre apud Martins, (2002, P.68), faz a seguinte definição para codex, “é o nome dado aos manuscritos cujas folhas eram reunidas entre si pelo dorso e recobertas de uma capa semelhante à das encadernações modernas. É em suma, o livro quadrado e chato, tal como ainda hoje o possuímos.”

Os principais instrumentos usados durante a evolução da escrita foram o cinzel, instrumento com ponta bastante resistente usado para escrita em pedras; o estilete, usado nas tábuas enceradas; o cálamo, um caniço usado com tinta, antecedente a pena de ave; penas de aves, geralmente usavam-se as penas da asa de patos ou cisnes para a escrita a tinta, foi com esse instrumento que a maioria dos papiros e pergaminhos foi escrita, também foram produzidas penas metálicas, em ferro ou bronze, o lápis surgiu apenas no fim da idade média (ACIOLI, 1994).

2.2 O PAPEL

Credita-se ao chinês Ts'ai Lun, a chamada invenção do papel. Os chineses costumavam usar como suporte para escrita um material derivado da seda, cujo produto final chamava-se “papel de seda”, por ter um custo bem menor que o papiro e o pergaminho. Em meados do segundo século da era Cristã, o referido chinês começou a experimentar o uso de novas matérias-primas para fabricação do papel.

Foram utilizados materiais como cascas de plantas, resíduos de algodão e outros, dentre os quais as fibras de celulose, formando o papel que utilizamos hoje, embora de uma forma artesanal e fatidicamente rústica.

O papel só foi produzido em larga escala depois que conseguiu ganhar o terreno Europeu, e este processo foi custoso, pois havia grandes preconceitos sobre o papel, pelo fato deste novo material ser frágil e de durabilidade muito

inferior ao pergaminho. Neste sentido Febvre e Martin (1992, p.42) ressaltam que:

Por muito tempo os manuscritos haviam continuado a ser transcritos em pergaminho pelos estudantes e pelos copistas. Rotina? É evidente, mas também desejo de um material sólido e testado para assegurar aos textos maiores possibilidades de duração.

Apesar das resistências os chineses introduziram fábricas de papel em países orientais, e os árabes conseguiram fazer intermediação do produto com países europeus como Espanha, Itália, França, Inglaterra e Holanda, daí para a chegada do papel no ocidente foi um pulo. Muitos desses países construíram seus próprios moinhos para a fabricação do papel, tornando este material um símbolo da era Renascentista.

A humanidade acabou se rendendo ao uso deste suporte. Segundo Febvre e Martin (1992, p.48) “O papel ganhara a partida. Seu uso começava a generalizar-se para cópia dos manuscritos. Uma das condições indispensáveis para a difusão do livro impresso estava realizada.” Martins (2002, p.115) versando sobre o mesmo assunto afirma:

A introdução e a vulgarização do papel na Europa decidiu dos destinos da nossa civilização porque ele vinha responder às necessidades que todos sentiam de um material barato, praticamente inesgotável, capaz de substituir com infinitas vantagens o precioso pergaminho. A “democratização” da cultura é, antes de mais nada, o resultado dessa substituição: pode-se dizer que, sem o papel, o humanismo não teria exercido a sua enorme influência. Toda fisionomia de um mundo estaria, então, completamente mudada.

Os moinhos de papel trabalharam de maneira primitiva durante muito tempo, colocando fibras de celulose suspensas em água até se desintegrarem, e em seguida colocando esse material em espécies de redes de metal, para

que a água pudesse escorrer, finalizando com a secagem, onde as fibras se uniam formando então as folhas.

A primeira máquina de papel surgiu apenas em 1798, elaborada pelo francês Louis Robert, como toda criação surge da necessidade, se tornara preciso produzir papel em larga escala. Em 1803 os irmãos Fourdrinier, adquiriram a patente de Louis Robert e aperfeiçoaram a máquina. Desde então as máquinas vem se atualizando cada vez mais e usando tecnologia de ponta para fabricação de inúmeros tipos de papel (MARTINS, 2002).

2.3 A IMPRENSA

Assim como o papel, também foi dos chineses a proeza de idealizar e fabricar pequenas peças de madeira ou metal com relevos de letras e símbolos, que poderiam ser impressas ao papiro, pergaminho ou papel, era o surgimento da tipografia, ou seja, a técnica de compor a estruturação de um texto. Esta arte de criação começou a ser exercida pelos tipógrafos desde a idade média.

A tipografia sobreviveu, continua sendo utilizada até os dias atuais, porém com a popularização do papel surgiu uma técnica mais aperfeiçoada para impressões: a xilografia.

A xilografia é bastante semelhante à tipografia, são caracteres gravados em pranchetas de madeira, que reproduzem no papel, desenhos ou escritos, por meio de prensa manual ou tipográfica. Dois métodos podem ser empregados no processo da xilografia: o clássico, onde os caracteres são lavrados horizontalmente nas fibras úteis e o método de fibra, onde a madeira é cortada em sentido horizontal em relação ao tronco, e lavrada com rubis usados em metais (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Pode-se perguntar: então o que diferencia a tipografia da xilografia? A diferença está no objetivo final para o qual essas técnicas se destinavam. A tipografia tinha por objetivo imprimir caracteres em papiro, pergaminho ou papel, já a xilografia ia além, o real desejo dos xilógrafos era o de fazer reproduções rápidas e em quantidade desejável, logo esta técnica não se detém ao embelezamento de produções textuais, mas torna-se ferramenta para o processo de comunicação.

Depois das folhas com imagens e textos xilografados, surgiram os livretos xilográficos, geralmente tratando de religiosidade ou temas populares. Encontra-se agora uma questão delicada, seria os livretos xilográficos a invenção da imprensa? Dependendo do conteúdo neles inserido, a sociedade sentia-se curiosa a respeito, e opiniões divergentes poderiam surgir entre os leitores. Bem, em seu sentido literal Imprensa significa: “Máquina com que se imprime ou estampa; arte de imprimir; a instituição da publicidade tipográfica ou radiodifusão diária; o conjunto dos jornais; os escritores e jornalistas.” (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1996, p.347). Assim sendo é difícil pensarmos nos livretos xilográficos munidos destas características. Neste aspecto Febvre e Martin (1992) esclarecem que antes de estabelecer uma filiação do xilógrafo com o livro impresso, é importante saber que muitos xilógrafos são posteriores ao livro impresso, e os primeiros livros impressos foram feitos por especialistas do metal e não por xilógrafos.

O verdadeiro espírito da imprensa aparece depois da criação dos caracteres móveis.

2.3.1 A imprensa de Gutenberg

Os caracteres de tipos móveis foram marcantes para o aperfeiçoamento dos manuscritos, e para a impressão em tábuas de madeira, revolucionando o

modo de fazer livros na Europa. Esta tecnologia é creditada ao Alemão Johannes Gutenberg.

Gutenberg é considerado o primeiro europeu a usar a impressão por tipos móveis e também o inventor da prensa móvel. Desde então puderam ser reproduzidas cópias de livros de forma mais rápida e econômica e com um grau de perfeição nunca antes visto. A primeira impressão importante de Gutenberg foi uma edição da Bíblia, chamada de “A Bíblia de Gutenberg” publicada em sua cidade natal, Mogúncia, entre 1450 e 1456. Sua descoberta revolucionou o mundo, entre suas contribuições para a impressão estão: a invenção de um processo de produção em massa, do tipo móvel, a utilização de tinta a base de óleo e a utilização da prensa de madeira. Sua invenção memorável foi a combinação desses elementos em um sistema que permitiu a produção de livros impressos de maneira economicamente rentável. Dupont (apud MARTINS, 2002, p.145), explica o processo:

[...] em primeiro lugar, um *Vocabulário*, chamado *Catholicom*, em caracteres escritos regularmente em tábuas de madeira e com fôrmas compostas. Mas não puderam, servir-se formas para imprimir outros livros, já que os caracteres não se podiam destacar das pranchas, mas nelas tinham sido esculpidas, como ficou dito. Outras invenções engenhosas sucederam a esse processo e eles encontraram um meio de fundir as fôrmas de todas as letras do alfabeto latino. A essas fôrmas deram o nome de matrizes, nas quais fundiam os caracteres de bronze ou estanho, que tinham a dureza necessária para suportar qualquer pressão, os quais caracteres eram antes gravados à mão.

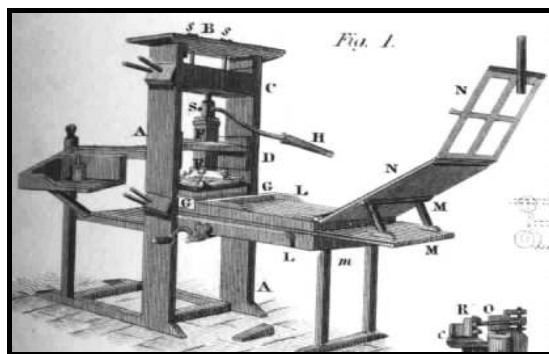


Figura 1: Imprensa de Gutenberg.
Fonte: www.paroquiansdores.org. Acesso em 15/09/2010.

Febvre e Martin (1992, p.76) fazem o seguinte resumo da técnica “A técnica da imprensa manual pode ser reduzida a três elementos essenciais: os caracteres móveis em metal fundido, a tinta espessa e a prensa.”

Críticas e dúvidas de patente foram atribuídas ao trabalho desenvolvido por Gutenberg, porém nenhuma prova documental conseguiu tirar-lhe o título de “inventor da imprensa”, e sem dúvida alguma, foi a técnica desenvolvida por ele que transformou de maneira nunca vista anteriormente a divulgação e publicação textuais. Sua invenção é considerada uma das maiores descobertas da humanidade, e influenciou todo o processo de impressões decorrentes nos séculos que se seguiram (MARTINS, 2002).

Os frutos desta invenção é o que dará início a chamada Explosão Bibliográfica ocorrida nas décadas que se seguirão.

3 A EXPLOSÃO BIBLIOGRÁFICA

A maioria dos impressores alemães era da escola de Mogúncia, cidade considerada como o “berço da imprensa”, McMurtrie (1997, p. 204), explica que “Possivelmente, durante a desorganização industrial deste período, alguns impressores da escola de Mogúncia viram-se em dificuldades de emprego, e deixaram a cidade, em procura da fortuna em qualquer outro lugar.” Desta forma os impressores alemães acabaram se espalhando pela Europa, principalmente na Itália, França e Espanha.

Assim, no fim de século XV, cerca de 50 anos após o aparecimento do primeiro livro impresso, 35.000 edições pelo menos, representando sem dúvida 15 a 20 milhões de exemplares, já foram publicadas, e a imprensa já se espalhou, por todos os países da Europa. Nos países germânicos, depois na Itália e em seguida na França, grandes centros se constituíram. (FEBVRE; MARTIN, 1992, p.273)

As oficinas tipográficas se concentravam nas grandes cidades universitárias, desde que era formado por estudantes seu principal grupo de consumidores. Martins (2002, p.187), afirma que “As tiragens fabulosas atingidas nessa época demonstram que o livro vinha responder a uma necessidade, necessidade obscura e inconsciente que o seu aparecimento tornou consciente e lúcida.”

Depois da Europa, a imprensa se estabelece nos países eslavos, e nos primeiros anos do século XVI, ela chega ao “Novo mundo”, a América, cujo primeiro país a receber um prelo foi o México. Segundo McMurtrie (1997), a primeira oficina tipográfica dos Estados Unidos chegou em 1638. A imprensa demorou a se desenvolver nos Estados Unidos, já que o país recebia publicações da Inglaterra, esse mercado só deslançou durante o século XVIII,

quando o jornal, tornou-se um produto produzido e muito procurado pelos Americanos.

Com efeito, o livro facilmente e abundantemente reproduzido significa a possibilidade, desde então irrefreável e infinita, do livre exame, do espírito científico e objetivo, da discussão inesgotável de todos os problemas, da vida individual então possível a cada um. O mundo moderno começava. (MARTINS, 2002, p.167)

Deste momento em diante o livro impresso tornara-se indispensável para a humanidade, e o que surgiu como se fosse uma espécie de mágica, ou milagre, tornou-se cotidiano, virou produto de fácil comercialização, e a indústria do livro nunca mais parou de crescer.

3.1 A ERA INDUSTRIAL

A partir do século XX a sociedade evoluiu mecânica e industrialmente em todos os setores, com a indústria do livro não foi diferente. Martins (2002) ressalta que o progresso técnico sucedido na chamada “Revolução industrial”, trouxe as mais profundas transformações ocorridas na imprensa, comparadas somente àquelas que aconteceram quando o mundo descobriu o invento de Gutenberg. A mecanização transformou não só o saber, mas também o ser humano, pois a era industrial não priorizava o homem, e sim o quê e quanto ele era capaz de produzir.

Neste segmento, as máquinas de fabricar papel, ficaram cada vez mais modernas, e o volume de produções publicadas, aumentava ano após ano, a indústria do livro teve que se adequar a esta nova realidade para alcançar novos públicos, e os livros tiveram que se enquadrar aos formatos mais hábeis para a mecanização e conseqüentemente comercialização.

Martins (2002,p. 236) ressalta essa evolução da seguinte forma:

As principais etapas desse processo de transformação da tipografia, de artesanato em indústria, marcam-se pelo seu desenvolvimento econômico conseqüente à introdução sucessiva dos seguintes aperfeiçoamentos técnicos: a invenção da máquina de papel, por Louis Robert, em 1798; a invenção da prensa mecânica de papel, por Friedrich König em 1812; a invenção da prensa rotativa por Marinoni, nos arredores de 1850; a invenção da linotipo, por Mergenthaler, em 1885. (MARTINS, 2002, p. 236)

Mais volume em menos tempo e muita procura, estava formado o mercado da editoração. A chamada “Explosão bibliográfica”, ocorrida após a primeira guerra mundial, foi o ponto de consolidação dessa indústria que, passa a visar não só a disseminação da informação, mas também o lucro dela proveniente.

3.2 A ERA ELETRÔNICA

Com a otimização da técnica iniciada pela Linotipo, “máquina de compor e fundir os caracteres tipográficos por linhas inteiras” (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1996, p.382), surgem novos equipamentos eletrônicos e começa-se a anunciar uma espécie de fim da tipografia, mas na verdade o que acontecia era o nascimento da informática, como ressalta Martins (2002, p.258) “Não se trata apenas da imprensa e da tipografia, claro está: é toda a estrutura mental que precisou ser repensada e que, para poder ser repensada, exigiu a criação de uma nova disciplina: a informática.”

A informática trouxe inúmeras mudanças para a imprensa, as principais diferenças existentes entre a tipográfica e a eletrônica foram descritas por Seldes (apud MARTINS, 2002), que apresenta a imprensa tipográfica como aquela que requer habilidade para ser lida; experimentação individual; absorção em pequenas doses; difusão relativamente lenta; pode ser retificada; produção barata, porém cara para o consumidor; e destinada para minorias de

variados tamanhos, e a eletrônica como aquela que não exige formação específica; experimentada em grupo; tomada em altas porções; difusão rápida; indisponível para retificações; produção cara, mas relativamente barata para o consumidor; e criada para as massas.

Com a informática amplamente divulgada e muito bem aceita pela sociedade, o mundo começa a aderir à filosofia política da globalização, um processo de integração econômica e social dos países do Mundo no final do Século XX. Um fenômeno observado a partir da necessidade de formar uma Aldeia Global que permita maiores ganhos para os mercados internos (HOUAISS, 2001).

Com a globalização a capacidade de uma pessoa em processar informações ficou mais importante que sua capacidade de trabalhar como operário, essa fase também conhecida como Era da Informação, marca a transição da era industrial para a era pós-industrial. (BROOKS, 2008)¹

Sobre esta nova fase da imprensa Martins (2002, p. 261) explica que “Todo esse progresso na automatização implica, é evidente, a eliminação de empregos, embora crie outros, em áreas diferentes, mas em menor número, exigindo, aliás, maiores qualificações.”

Esse processo exige rapidez na transmissão de informações, o que torna o computador eletrônico o novo símbolo do mundo editorial. A tipografia começa a virar história.

A implicação do advento das novas tecnologias será visto do ponto de vista da comercialização da informação no capítulo seguinte.

¹ Citação de BROOKS, David. (colunista do jornal The New York Times). Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Site, na página:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20 set. 2010.

4 AS NOVAS TECNOLOGIAS

Depois da informática o mundo não parou mais de criar tecnologia, uma técnica superando a outra, um processo substituindo ou melhorando outro, e os livros seguiram resistindo e se enquadrando aos novos paradigmas.

Mitgang apud (MARTINS, 2002, p.262), relata essas mudanças da seguinte forma:

[...] Já existe até um novo vocabulário para o material de referência: banco de dados (depósito de informações obtidas para leitura num visor), informática (fornecimento de informações por meios eletrônicos), microficha (cartão ou microfilme que pode ser ampliado e lido na tela); dados visuais (termo genérico para os serviços de informação). [...] A indústria de vídeo está se expandindo para os livros. É possível armazenar 54.000 páginas de informação num único disco com fácil acesso a qualquer página.

Foram lançados livros em diferentes suportes eletrônicos, passando pelo cassete, disquete, microfilmes e finalmente o CD (Compact Disc) (MARTINS, 2002).

A discussão sobre o fim do livro impresso já se desenvolvia, porém questionamentos a esse respeito já arrolavam há muito mais tempo, como afirma Belo (2002, p.20):

Uma perspectiva histórica permite-nos começar por compreender que a inquietação com o futuro do livro não é um fenômeno novo. O sentimento de que o livro estava ameaçado apareceu pela primeira vez na segunda metade do século XIX, no momento em que, por razões econômicas, culturais e tecnológicas, a leitura dos jornais se popularizou, chegando as novas franjas de leitores que não liam livros habitualmente.

O mesmo se pensou quando surgiu a televisão, e novamente o assunto vinha à tona com o surgimento dos livros em CD. Desta forma, o autor acima citado conclui que:

A afirmação, feita num contexto social, editorial e tecnológico bastante diferente do atual, mostra-nos que a “morte do livro” pode ser relativizada: se ela já foi anunciada noutras épocas sem ter acontecido, é possível duvidar também hoje que ela esteja para acontecer. (BELO, 2002, p.20)

4.1 A INTERNET

Depois dos livros em CD e dos efeitos da globalização sobre a sociedade, eis que surge uma nova e poderosa fonte de informação: a Internet.

A Internet, ou, rede mundial de computadores, foi criada pelos militares Americanos no período da Guerra Fria, com o objetivo de manter a comunicação em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações (SUAPESQUISA, 2004).

A princípio a rede de computadores foi denominada ARPANET, e atuava como um sistema de transmissão de dados em rede de computadores no qual as informações eram divididas em espécies de pequenos pacotes, que traziam trecho dos dados, o endereço dos destinatários e informações que permitiam a remontagem da mensagem original. Nas décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para fins militares, a Internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico, onde estudantes e professores universitários, principalmente dos Estados Unidos, trocavam idéias, mensagens e descobertas pelas linhas da rede mundial (SUAPESQUISA, 2004).

Em 1990, quando o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a World Wide Web, a Internet começou a ser conhecida pela população, a criação de Bernes-Lee possibilitou a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes. A partir deste

momento, a Internet cresceu em ritmo acelerado. O surgimento de provedores de acesso e portais de serviços *online* também contribuiu para este crescimento (SUAPESQUISA, 2004).

A Internet passou a ser utilizada como fonte de informação e lazer por vários segmentos sociais, já as empresas descobriram na Internet um excelente caminho para melhorar seus lucros e vendas. Tornou-se praticamente impossível pensar no mundo sem a troca, compartilhamento e fluxo contínuo de informações através de uma rede mundial.

Uma das principais características da Internet é a rapidez em transferir e trocar informações, essa rapidez é proveniente de uma infinidade de ferramentas, programas e aparatos tecnológicos responsáveis por criar e transmitir recursos operacionais que permitam ao internauta, ou seja, o usuário dessa ferramenta, realizar de maneira prática o máximo de atividades diante da tela de um computador.

Trabalhar, conversar, se corresponder, ouvir música, comprar, vender, escrever, opinar e ler são algumas dentre as muitas possibilidades de uso dos serviços oferecidos pela rede. E é bem verdade que esta infinidade de facilidades, de sites especializados e de downloads (carregar ou baixar programas de um computador central) gratuitos, abalou as estruturas de muitas indústrias, é o caso das indústrias fonográficas, cinematográficas, televisivas e também das publicações editoriais, visto que muitos dos “produtos” destes segmentos estão disponíveis na internet com total interatividade, custos mais baixos ou até mesmo sem custo algum. É inevitável então que os livros passem a ocupar papel de destaque nos meios eletrônicos.

Justamente neste contexto surgem os livros eletrônicos, resultantes de uma nova necessidade social e comercial, decretando para alguns o fim definitivo dos livros impressos.

4.2 EBOOK, O LIVRO SEM PAPEL

Os livros em formato digital surgiram por volta da década de 70. O mais antigo editor de livros eletrônicos que se tem notícia foi desenvolvido pelo americano Michael S. Hart, em um projeto chamado "Projeto Gutenberg", mas apenas em 1993 surgiu o primeiro software para a leitura de livros digitais, no mesmo ano, o primeiro eBook foi publicado (UNIVERSITARIO, 2010).

Os eBooks - ou livros eletrônicos- são arquivos de texto que formam uma mídia digital equivalente aos livros convencionais ou impressos, podem ser lidos em computadores ou em aparelhos específicos para este fim, os quais serão apontados mais adiante.

A princípio, os eBooks eram escritos para áreas específicas e para um público muito limitado, abordando assuntos como manuais técnicos de hardware e técnicas de fabricação. Numerosos formatos de eBooks surgiram, alguns compatíveis com formatos já conhecidos do grande público, como o PDF -Portable Document Format- da Adobe, por exemplo.

Uma das primeiras mudanças ocorridas no mundo editorial depois do surgimento dos eBooks, foi o fato de que muitos autores que por algum motivo não conseguiam lançar seus livros através de uma editora, tiveram a oportunidade de fazê-los eles mesmos através dessa ferramenta, podendo assim fazer ampla divulgação de seus trabalhos.

Para não perder mercado muitas editoras começaram a fazer com que seus livros se tornassem disponíveis na internet, e sites dedicados aos eBooks começaram a divulgar a novidade para o grande público.

Quando os livros eletrônicos tornaram-se conhecidos e utilizados pelas pessoas, levantou-se a velha dicotomia entre o impresso e o eletrônico, como se pode ver nas citações que divergem sobre o futuro da história do livro neste aspecto. Para Niederauer apud Fontão e Hausser (200?) “a tendência é que

essa transição do livro impresso para o digital seja gradativa, aproximando-se definitivamente de seu fim quando se extinguirem as gerações que foram alfabetizadas com o uso de meios impressos, daqui a muitas décadas.” Já para Machado (1994, p. 210):

Pode-se explicar esse fenômeno sob um enfoque econômico, como uma estratégia das multinacionais da eletrônica e da informática para monopolizar todos os mercados. Mas isso seria uma extrema simplificação. A verdade é que o universo do texto impresso chegou ao seu limite de saturação e hoje degenera em entropia, em virtude da dificuldade cada vez maior de gerar significados consistentes.

Muitos clássicos da literatura mundial ganharam suas versões eletrônicas e praticamente todas as editoras que praticam venda pela Internet dispõem de um setor destinado para a venda de eBooks. Tratando-se do fim do livro impresso as mídias do computador não seriam uma ameaça, visto que esse pode ser classificado apenas como mais uma ferramenta para a leitura, porém o que pode causar uma ameaça real a esse formato tradicional são as tecnologias dos hipertextos, esses sistemas possuem uma estrutura complexa, não sequencial, onde diferentes caminhos podem ser percorridos para acessar a informação ou fragmentos dela, são ao mesmo tempo, uma ferramenta de autoria e uma mídia de leitura (BEIGUELMAN, 2003).

O que se pode entender é que os hipertextos sugerem uma interatividade entre o leitor e o objeto de leitura, como esclarece Bellei (2002, p. 29):

O computador pode afetar o livro de duas maneiras distintas, a primeira delas sem muitas conseqüências, a segunda de forma radical. Pode, em primeiro lugar, simplesmente reproduzir livros impressos no meio eletrônico e apresentá-los na tela. Se fosse apenas esse o efeito dos novos meios de comunicação, não haveria razão suficiente para preocupações com o futuro do livro. Esse seria apenas transferido da página para a tela, o que provavelmente traria mais benefícios (menos espaço para

armazenamento de textos, maior facilidade de acesso) do que prejuízo para os leitores. Os casos dos editores e donos de livreria e dos direitos autorais, evidentemente é outro: teriam razão para preocupar-se com a possibilidade de que o acesso gratuito a textos facilmente armazenados em tela acabassem diminuindo a procura real pelos livros em livrerias. Mas o computador pode, não apenas duplicar o livro eletronicamente, como também principalmente modificá-lo de forma radical, transformando-o em hipertexto, o que é algo bem mais sério do que a mera reduplicação e que explica de forma mais satisfatória as preocupações com o futuro do livro. Essas duas formas de impacto do computador sobre o livro, pela mera reprodução ou pela radical transformação, merecem atenção separada e com ênfase maior recaindo, evidentemente, na questão do hipertexto.

O processo de criação de um livro eletrônico é semelhante ao de um livro impresso comum, a grande diferença é o meio de distribuição, uma vez editado o livro eletrônico é distribuído pela internet ou através de um CD-ROM (Compact Disc- Read Only Memory).

Antes de chegar à fase de distribuição é necessário escrever, formatar e revisar o texto, se necessário criar cabeçalho e rodapé, fazer o layout para as páginas, todas as partes pré e pós-textuais, enfim, um projeto editorial completo. Com tudo pronto é preciso decidir sobre qual programa será utilizado para a distribuição, neste ponto é relevante a destinação final do produto, se será distribuído gratuitamente ou comercializado, pois implicará na escolha do programa mais adequado.

Um dos programas mais utilizados é o PDF (Portable Document Format) esse formato é o mais usado para a criação de eBooks porque pode ser aberto em qualquer computador que possua instalado o leitor Acrobat Reader, este programa é distribuído gratuitamente pela empresa Adobe, o Adobe Reader ou Adobe Acrobat Reader é um software que permite ao usuário do computador visualizar, navegar e imprimir arquivos no formato PDF.

Para criar um arquivo em PDF é preciso ter o programa original da Adobe, o Acrobat, adquirido através de compra. Com o PDF é possível proteger um livro contra impressão e cópia de partes de textos e imagens, mas

não é possível protegê-lo contra a distribuição ilegal, de maneira que a obra pode ser copiada e distribuída de forma indiscriminada (ALMEIDA, 2010).

Uma segunda opção são os programas que criam eBooks em HTML - sigla inglesa da expressão Hypertext Markup Language que designa a linguagem padrão utilizada para construir os documentos da World Wide Web - páginas de interface gráfica da Internet - com ele é possível proteger um eBook contra qualquer tipo de cópia ou ilegalidade autoral ou de conteúdo (ALMEIDA, 2010). Existem muitos programas disponíveis no mercado neste formato, o que dificulta o uso dos mesmos é o fato de que os eBooks neles criados são como programas e nem todo mundo está disposto a instalar programas desconhecidos em seu computador.

É também possível fazer a distribuição dos eBooks no conhecido editor de textos Word, produzido pela Microsoft. Normalmente este é o programa mais utilizado para escrevê-lo. Com o Word pode-se criar um livro inteiro, até a capa, podendo-se protegê-lo contra impressão, cópia e distribuição não autorizadas, inclusive definir quanto tempo o leitor terá para ler o livro antes que ele fique indisponível, no caso da visualização gratuita (ALMEIDA, 2010).

Existe uma gama enorme de formatos e programas para a criação de livros eletrônicos, e embora o público ainda seja bastante restrito, principalmente nos países do terceiro mundo, caso do Brasil, esse novo suporte de leitura ganha cada vez mais adeptos, principalmente entre os leitores jovens. Muito já se fala deste recurso também na área pedagógica já que a educação está cada vez mais atrelada à tecnologia, como ressalta Coviello (2010, p.29 e 31):

Em um futuro próximo, haverá a possibilidade de as escolas fornecerem para os alunos todo o conteúdo do ano letivo em formato de e-Books. [...] Ainda não é possível medir os impactos do livro digital, nem como ele será aceito na área da educação. As novas tecnologias estão cada vez mais presentes na vida do ser humano, tanto em suas atividades

pessoais como profissionais, por isso, a única certeza é a necessidade de ficarmos atentos às mudanças.

4.2.1 Os novos suportes

Diante da nova interface do livro, os suportes tecnológicos para subsidiar a leitura e armazenamento dos mesmos também sofreram inovações, os primeiros eBooks só podiam ser lidos na tela do computador, mas a partir do século XXI, leitores portáteis de eBooks começaram a ser produzidos e comercializados, o mais conhecido é o Kindle produzido pela empresa americana Amazon.

O Kindle revolucionou o mundo dos livros e leitores ao colocar, literalmente, milhares de obras na palma da mão. Ele é o “iPod dos livros”, termo usado para compará-lo com o aparelho de armazenamento de músicas em formato MP3, já que a destinação dos produtos é similar (UNIVERSITARIO, 2010).

O Amazon Kindle fez história no mundo da tecnologia, os livros digitais podem ser comprados por meio do próprio aparelho, que conta com conexão sem fio, ou seja, além de armazenar e ler também é possível comprar e baixar livros, jornais e revistas pela internet. Assim como o aparelho, podem-se comprar programas que permitam uma interface e arquitetura organizada para gerenciar de maneira simples os eBooks. Em 2009 foi lançado o Kindle 2, a nova versão do dispositivo apresenta sete vezes mais memória do que a original, permite a alternância entre as páginas com maior velocidade e traz uma tela de melhor definição (ESTADAO, 1995).

O concorrente direto do kindlle é o e-Reader da marca Sony, a referida marca já possui seis opções de leitores de livros eletrônicos, o primeiro foi o Sony Reader PRS-500, com o qual a Sony entrou no mercado dos eBooks readers, em setembro de 2006. Na sequencia surgiram as versões PRS-505 e

PRS-700, em 2009 surgiu o Sony Reader Pocket Edition (PRS-300) com direito a mais duas versões o PRS-600 e o PRS-900 (EDITORAPLUS, 2008) .

Nesta disputa comercial ainda entra o mais recente projeto da Apple, o iPad, lançado no início de 2010, um computador em formato de prancheta digital que une computador, videogame, tocador de música e vídeo e leitor de livro digital, sendo este último merecedor de maior destaque por trazer o aplicativo de livros digitais da Apple, o iBooks. O aplicativo apresenta uma "prateleira" digital com os títulos que o usuário já possui e a tela mostra a página do livro digital como se o usuário olhasse para o produto em formato de papel (G1, 2010).

Outras dezenas de aparelhos do mesmo segmento dos acima citados estão disponíveis no mercado. O que se pode concluir é que diferentemente dos primeiros suportes usados na evolução da escrita, a função destes suportes eletrônicos não é aprimorar a forma do conteúdo, mas sim, competir comercialmente por mais clientes, o que implica em aprimorar a tecnologia e baratear os custos para o consumidor final. Não há dúvidas da praticidade destes aparelhos, mas sim sobre até onde tanta tecnologia realmente irá nos levar.

No capítulo seguinte serão mostrados os impactos e diferenças entre as duas mídias em que o livro se apresenta através da perspectiva de quatro pontos relevantes: o dos leitores, o econômico, o ecológico e o dos direitos autorais.

5 IMPRESSO OU ELETRÔNICO?

Os livros impressos continuam sendo indispensáveis tanto nos processos de educação escolar e acadêmica, quanto na vida dos leitores que adquiriram o prazer de lê-lo e manuseá-lo. Já para geração que nasceu na era da tecnologia, os livros eletrônicos são indispensáveis, inclusive como suporte para as atividades escolares, até porque não se trata apenas da leitura, esta é só uma das facetas de uma geração que é conectada ao computador e a internet para quase tudo na vida, inclusive nos relacionamentos pessoais. Pode-se caracterizar três tipos de leitores:

- ✓ **Dos livros impressos:** o leitor do livro impresso normalmente desenvolveu este hábito ainda na infância, pode dominar ou não as novas tecnologias, o que não o impede de optar por ler ou montar um acervo de livros tradicionais;
- ✓ **Dos livros eletrônicos ou digitais:** o público de leitores mais jovens que cresceram junto com os avanços tecnológicos opta por estes livros geralmente por dois motivos, primeiro por dominarem as ferramentas tecnológicas e segundo por ser um método de leitura e armazenagem de obras muito prático, o que é bastante conveniente ao ritmo de vida moderno;
- ✓ **Dos migrantes de ambos os formatos:** existe um público misto que utiliza e valoriza as duas formas de leitura, os leitores tradicionais utilizam os eBooks como mais uma ferramenta para adquirir ou transmitir informações, e os leitores natos dos livros eletrônicos e digitais descobrem e alimentam o prazer pela leitura dos livros em papel (BEIGUELMAN, 2003; BELLEI, 2002; BELO, 2002; COVIELLO, 2010; MACHADO, 1994;).

Os adeptos de cada uma das mídias tendem a debater o assunto como uma simples escolha pessoal, embora o tema dispense análises superficiais, segundo Bellei (2002, p.41),

O trauma cultural causado pela possibilidade do fim do livro bem pode ser o resultado de uma percepção equivocada do significado histórico do livro como tecnologia adaptável e resistente a mudanças, inclusive às gigantescas mudanças motivadas pela presença do computador. Se essa hipótese estiver correta, faz menos sentido, hoje, lamentar ou celebrar o fim do livro do que tentar entender a sua transformação em algo diverso. [...] É nesse contexto que é preciso entender a palavra “fim” também como “objetivo”: o fim do livro será talvez a sua transformação no livro sem fim, a ser realizada principalmente na dispersão multilinear do hipertexto.

Do ponto de vista econômico também é possível destacar três aspectos importantes, são eles:

- ✓ Os relativos prejuízos financeiros sofridos pelas editoras, embora não sejam significativos para abalar as sólidas estruturas desse mercado;
- ✓ O enorme lucro do mercado e das indústrias que desenvolvem ou trabalham com tecnologia;
- ✓ E as vantagens e desvantagens do público de consumidores de ambas as mídias, onde, os livros impressos custam caro, porém são duráveis e independem de outros bens de consumo, enquanto os eletrônicos são significativamente mais baratos, porém dependentes de aparelhos e conexões de custo elevado (BELLEI, 2002; BELO, 2002; CHARTIER, 1998; MACHADO, 1994; MARTINS, 2002).

Tratando-se de publicações impressas, vejamos o que Martins (2002, p.391), diz em um aspecto geral sobre este ponto:

Se o número de leitores, pelas razões já aludidas, diminui cada vez mais, em lugar de aumentar proporcionalmente com os progressos da instrução pública, da melhoria econômica das classes menos favorecidas e dos aperfeiçoamentos técnicos, é natural que as conseqüências imediatas se reflitam na economia de todos os que vivem diretamente do livro. Com efeito, escritores e editores há muito se debatem numa difícil

conjuntura, aparentemente desesperada. Publicar torna-se cada vez mais difícil e aventuroso; cada vez menos compensador, em todo o caso. O escritor, que apenas modernamente conquistou, e isso mesmo nos países mais adiantados, a sua categoria profissional, corre seriamente o risco de vê-la desaparecer de um momento para o outro.

Ecologicamente falando, os livros eletrônicos possuem a vantagem de não prejudicar a natureza, para Coviello (2010, p. 29) “As vantagens dessa tecnologia vão além da portabilidade. O meio ambiente também será beneficiado com ela. Imagine a quantidade de árvores que serão poupadas com a comercialização dos livros digitais?”. No entanto os mesmos são inteiramente dependentes de energia elétrica, o que não deixa de agredir o meio ambiente.

Em relação aos direitos autorais não há grande diferença entre os direitos reservados aos donos de obras publicadas impressas ou eletronicamente, ambos detém seus direitos em relação à cópia não autorizada. O plágio e outros tipos de crimes autorais podem acontecer em qualquer um dos formatos, o que acontece é uma maior vulnerabilidade em relação aos livros eletrônicos, no sentido de que o autor não tem como impedir a consulta, uso ou envio indiscriminado de suas obras, nestes casos prevalece à legislação que trata das obras de domínio público.

[...] o autor é reconhecido como detentor de uma propriedade imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio. Esta não desaparece com a cessão do manuscrito àqueles que são seus editores. Não é portanto de espantar que sejam estes últimos os que tenham moldado a figura do autor-proprietário. Inscrito na velha ordem da livraria, o copyright não deixa de definir de modo original a criação literária, cuja identidade subsiste qualquer que seja o suporte de sua transmissão. O caminho estava aberto assim para a legislação atual que protege as obras em todas as formas (escritas, visuais, sonoras) que lhe podem ser dadas. Hoje, como as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a reescrituras múltiplas, são os próprios

fundamentos da apropriação individual dos textos que se vêem colocados em questão. (CHARTIER, 1998, p. 49).

Não se pode simplesmente desmerecer um ou outro tipo de formato, sem avaliar as vantagens, desvantagens e implicações do mesmo. Uma mudança radical no principal suporte de leitura que existe, consiste em desestruturar as habilidades, a cultura e o prazer literário que tem acompanhado muitas gerações, e a não aderência de uma tecnologia que pode proporcionar um avanço incalculável de conhecimento para a humanidade torna-se uma atitude anacrônica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve por objetivo expor os benefícios ocorridos com a evolução dos formatos do livro bem como as implicações decorrentes desses progressos. O rumo que a história do livro seguirá ainda é uma incógnita, de um lado os livros eletrônicos surgem como um formato criado para a sociedade da informação, onde a portabilidade e as ferramentas tecnológicas se tornaram indispensáveis para o leitor. As empresas deste segmento investem fortemente em produtos pelos quais as pessoas estão dispostas a pagar, e caro, em busca da informação rápida e prática. Do outro lado temos o livro impresso que permanece vivo e eficaz há mais de quinhentos anos, cuja história e a evolução ora se confunde com a da própria humanidade.

O eBook é apresentado como um divisor de águas na vida de leitores, editores e autores, mas ainda é precipitado afirmar se ele é um continuador ou uma variante do livro impresso, que por sua vez traz consigo a certeza de durabilidade e o mérito de ser e cumprir com o seu papel de uma das maiores invenções realizadas pelo homem.

Talvez a maneira mais coerente de analisar esse assunto é pensar justamente no futuro, porém olhando para o passado, se o objeto livro resistiu a tantas crises sociais, a tantas invenções modernas, motivou tantos avanços e tornou-se símbolo de uma Era, será possível que se torne simplesmente substituível por outro formato, ou como pregam algumas linhas de pensamento, ter sua produção extinguida por completo? E quanto ao eBook, seria este novo livro tão seguro e eficaz quanto o seu antecessor? Não restam dúvidas quanto a sua praticidade, já a sua credibilidade e acessibilidade estariam garantidas?

O fim do livro impresso ainda é um mito, comprovação disso é o fato de que os e-readers apresentam uma interface semelhante a do livro impresso no intuito de amenizar mudanças drásticas, ou seja, apesar da busca incessante

por algo novo, continuam sendo mantidas características dos livros impressos mesmo nos ambientes digitais.

A comparação entre os dois formatos permitiu um maior conhecimento das características, funções e atributos oferecidos pelos eBooks, assim como a perspectiva de transição do suporte impresso para o eletrônico. Espera-se que a pesquisa possa servir como suporte para uma análise mais ponderada dos conceitos que envolvem os livros eletrônicos e que possa ampliar os conhecimentos sobre este importante meio de acesso e uso da informação.

É possível concluir que a união desses dois formatos seria o ideal, assim como as livrarias vendem os dois produtos, é bastante viável que escolas, centros de informação e bibliotecas pudessem trabalhar com os dois tipos de acervos, o que possibilitaria acesso integral a informação e daria possibilidade do leitor escolher o suporte mais adequado para cada tipo de situação.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. A evolução da escrita. In: _____. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**. Recife: Massagrama, 1994. p.17-19.

ALMEIDA, Luiz Arthur. **Da capa à contracapa: aprenda a escrever um livro inteiro**. São Paulo: Luiz Arthur Almeida, 2010. eBook. Disponível em: <<http://comoescreverumlivrotecnico.com/ebook>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: Educ, 2002.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção História &... Reflexões).

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

COVIELLO, Aline. Na ponta dos dedos: o livro digital chegou e é mais um instrumento para auxiliar na educação. **Páginas Abertas**, São Paulo, n. 43, p.26-31, 2010.

EDITORAPLUS. **Novos e-Readers da Sony qual comprar?**. 2008. Disponível em: <<http://editoraplus.org/blog/novos-e-readers-da-sony-e-qual-comprar/>>. Acesso em: 02 out. 2010.

ESTADAO. **Kindle 2 marca novo capítulo na história dos e-books**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,kindle-2-marca-novo-capitulo-na-historia-dos-e-books,1559,0.shtm>>. Acesso em: 28 maio 2010.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto; Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Hucitec, 1992.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo**: Globo, 1996.

FONTÃO, Layla; HAUSSER, Fernando. **A vez dos livros sem papel**. (200?) Disponível em: <<http://www.metodista.br/cidadania/numero-30/a-vez-dos-livros-sem-papel/>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

G1. **Apple apresenta ipad prancheta digital com acesso a internet**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1465371-6174,00APPLE+APRESENTA+IPAD+PRANCHETA+DIGITAL+COM+ACESSO+A+INTERNET.html>>. Acesso em: 02 out. 2010.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, mai/ago. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 maio 2010.

MARTINS, Marcelo. **O fim do livro impresso?**. Disponível em: <<http://noticiadigital.blogspot.com/2008/12/o-fim-do-livro-impresso.html>>. Acesso em: 21 maio 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

McMURTRIE, Douglas C. **O livro**: impressão e fabrico. Tradução: Maria Luísa Saavedra Machado. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

SUA PESQUISA. **História da internet**: Acesso a Internet, provedores, Internet no Brasil, avanço da Informática, computadores, História da Internet, as redes sociais. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/internet/>>. Acesso em: 27 set. 2010.

UNIVERSITARIO. **História, formatos e vantagens dos eBooks.** Disponível em: <http://www.universitario.com.br/noticias/noticias_noticia.php?id_noticia=7645>. Acesso em: 20 maio 2010.

WIKIPEDIA. **Digitalização.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Digitaliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

_____. **Globalização.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20 set. 2010.